

mundos



Líderes dos países da Celac posam para foto oficial da cúpula em Buenos Aires, com Lula e Fernández em destaque (à dir.); Lacalle Pou ficou no canto (fora da imagem) Agustin Marcarian/Reuters

Uruguai destoa na Celac, critica postura da esquerda e ataca Mercosul

Imbróglio tem como pano de fundo acordos de livre comércio que Montevideu almeja selar

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Se Brasil e Argentina chegaram à Cúpula da Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos) em Buenos Aires na tarde desta terça-feira (24) com discursos alinhados sobre a necessidade de combater o avanço da ultradireita, ficou com o Uruguai de Luis Lacalle Pou a tarefa de desafiá-los.

Jornalistas e presidente de centro direita afirmou que é preciso que nações vizinhas deixem que o país “se abra ao mundo” e disse que essa seria sua principal mensagem ao brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva (PT) — depois de passar pela Argentina, o petista vai ao Uruguai nesta quarta (25).

Lacalle Pou se referia a acordos de livre comércio que Montevideu negocia com países como China e Nova Zelândia, algo que vem sendo criticado por outros membros do Mercosul. O chanceler brasileiro, Mauro Vieira, afirmou em entrevista à Folha que tirou uma ideia como essas do papel significaria a destruição do bloco.

“Um uruguiano crítico o que chama de protecionismo do Mercosul e pediu que líderes da região parem de “reclamar para dentro” e compreendam que é preciso avançar na integração global.

Além de recados ao governo brasileiro, sobram também indiretas ao governo de

Alberto Fernández na Argentina. O centro-diretista disse, por exemplo, que “não é necessário ser de esquerda para defender a democracia”, contrariando mensagens ecoadas pelo peronista e também por Lula em Buenos Aires.

Na cúpula, Lacalle Pou ainda afirmou que nem todos na mesa — que incluía o líder da ditadura cubana, Miguel Díaz-Canel — respeitavam os valores democráticos e que era perigoso fazer da Celac um “clube ideológico”. A declaração final da reunião, de todo modo, reforçou a necessidade de reforçar a democracia, as instituições e os direitos humanos; também expressou preocupação com o aumento do número de países da região que são vítimas de sanções financeiras.

Mais tarde, em conversa com jornalistas, o líder ainda fez referência a um comentário do ministro da Economia argentino, Sergio Massa, de que o Uruguai é um “irmão menor” a quem Brasil e Argentina deveriam “cuidar”. Lacalle Pou riu e respondeu apenas com a expressão “Disneylândia”, uma maneira de definir a declaração como infantil.

O próprio Fernández adotou discurso semelhante ao de seu ministro. Também em entrevista à Folha, afirmou que o Uruguai “deve entender que se deve buscar objetivos como sócio de uma região”. Ele seguiu: “Esse é o papel de países

menores, enquanto o dos maiores é atender as assimetrias que existem, tirar os obstáculos para países menores”.

Lacalle Pou diz não ver o Mercosul como obstáculo em relação às tentativas de seu governo de negociar pactos comerciais de maneira independente. Além do acordo com a China, ele também apresentou recentemente um pedido de ingresso formal no CPTPP (Acordo Abrangente e Progressivo de Parceria Transpaciífica), formado por 11 países da Ásia e da América, entre os quais Chile e Peru.

Um dos principais nomes contrários a essas negociações é Fernández. Diferentemente de seu antecessor, Mauricio Macri, ele defende um bloco mais fechado — os líderes argentino e uruguiano protagonizaram um debate acalorado sobre o tópico na última cúpula do Mercosul, em julho passado.

O Brasil teve postura ambivalente em relação ao tema durante o governo de Jair Bolsonaro (PL). Mas Lula, em seus mandatos anteriores, foi um ferrenho defensor de um Mercosul integrado, postura que, como demonstraram as declarações de Mauro Vieira, sustenta-se ainda hoje.

Questionado sobre a compatibilidade do pleito uruguiano em relação às normas do Mercosul, o ministro da Fazenda Fernando Haddad (PT), um dos membros da comitiva de Lula em Buenos Aires, respondeu que “isso veremos amanhã” — em referência à ida a Montevideu, nesta quarta.

À margem da Cúpula da Celac, Lula teve encontros bilaterais com diversos líderes da região, como Díaz-Canel e a primeira-ministra de Barbados, Mia Mottley, política que tem ganhado destaque na região por sua enfática defesa do combate à emergência climática e também pela postura favorável ao adeus dado pe-

Nome de embaixador na Argentina frustra expectativa por mulher no cargo

O anúncio do embaixador do Brasil na Argentina gerou frustração entre parte das diplomatas do Itamaraty, que esperavam emplacar uma mulher no cargo.

“Uma frustração, uma decepção”, disse à Folha a embaixadora Irene Vida Gala, presidente da Associação das Mulheres Diplomatas Brasileiras. “Como não conseguimos uma chanceler mulher, havia a expectativa de ter embaixadoras nos dois principais postos da diplomacia brasileira, Washington e Buenos Aires”.

Maria Luiza Viotti, que foi representante do Brasil na ONU e chefe de gabinete do secretário-geral da ONU, António Guterres, deve ser a embaixadora brasileira nos EUA. Para Buenos Aires estavam cotadas Gisela Padovan, que vai assumir a Secretaria de América Latina e Caribe do Itamaraty, e Eugênia Barthelmeis, hoje embaixadora em Singapura e ex-diretora de América do Sul na pasta Bitelli, que ocupará o cargo em Buenos Aires. Foi embaixadora na Colômbia e na Tunísia e chefa hoje a representação no Marrocos.

la ilha à monarquia britânica.

O anfitrião Fernández renovou com Lula votos de reaproximação entre os países e também fez recorrentes menções à política brasileira em seu discurso de abertura, como quando citou os ataques às sedes dos Três Poderes, no último dia 8, para falar sobre a defesa da democracia. Segundo ele, “a loucura invadiu as ruas de Brasília”.

“Vimos como setores de extrema direita estão ameaçando nossos povos. Não podemos permitir que essa direita recalibrante e fascista coloque em risco a institucionalidade”, disse o argentino, um dos principais aliados do petista na vizinhança e que em breve pode se despedir do posto — a Argentina tem eleições este ano, e não está claro se o peronista tentará um segundo mandato, ante sua popularidade em baixa. Ele incluiu na lista de ataques o oatenado sofrido por sua vice, Cristina Kirchner, em setembro, e o que chamou de golpe na Bolívia, aludindo às crises que culminaram na renúncia de Evo Morales em 2019.

Lula, em sua fala, agradeceu aos que “se perfilaram ao lado do Brasil e das instituições brasileiras”, também se referindo aos atos golpistas do 8 de Janeiro. “Somos uma região pacífica, que repudia o extremismo, o terrorismo e a violência política”, disse.

A cúpula foi marcada ainda pela ausência do ditador da Venezuela, Nicolás Maduro. Com um encontro bilateral marcado com Lula, o venezuelano mudou de planos e não viajou à Argentina. Segundo o regime, sua ausência se deve a um “compromisso ofensivo” internacional. Fontes do governo argentino afirmam que Maduro temia a possibilidade da emissão de uma ordem de prisão contra ele.

“Ouvi discursos com os quais concordo totalmente e outros com os quais não concordo em quase nada. [...] Existem países aqui que não respeitam nem as instituições nem a democracia

Luis Lacalle Pou presidente uruguiano, na Cúpula da Celac

China diz querer prioridade em viagem de Mauro Vieira à Ásia

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA A China enviou recado ao Itamaraty e disse esperar que o chanceler Mauro Vieira priorize Pequim em viagem à Ásia marcada para março.

Em meados de janeiro, o embaixador do Brasil em Pequim, Marcos Galvão, teve uma reunião no Ministério das Relações Exteriores local. Nela, o diplomata encasnelado de temas relacionados ao Brasil disse a Galvão ter sido informado que Vieira planeja uma viagem à Índia em março, numa reunião de ministros do G20, e que a primeira passagem do chanceler pela China poderia ocorrer no mesmo contexto.

Em seguida, segundo relatos feitos à Folha, o diplomata disse considerar importante que Vieira passe primeiro por Pequim — e só depois vá à Índia.

Membros do governo que acompanham o tema disseram, sob condição de anonimato, entender que a mensagem foi uma sinalização de que a China espera um gesto simbólico do Itamaraty no sentido de mostrar que Pequim é o parceiro prioritário do Brasil no continente asiático.

O tema é especialmente sensível, uma vez que China e Índia, ainda que integrem o Brics (bloco com Brasil, Rússia e África do Sul), são rivais regionais e têm um histórico

de escaramuças em pontos da fronteira. Deli ainda faz parte de uma aliança para se contrapor à influência de Pequim no Índio-Pacífico, o Quad, ao lado de EUA, Japão e Austrália.

A rivalidade se dá também no campo diplomático. Em 2020, em uma cúpula do Brics, os chineses agiram para que fosse suprimido de um documento oficial trecho sobre o apoio dado por Pequim e Moscou às aspirações dos demais membros para desempenhar “papéis mais relevantes na ONU” — referência ao pleito de Brasil e Índia pela ampliação do Conselho de Segurança da ONU, do qual China e Rússia são membros permanentes.

Na reunião, o gigante asiático se aproveitou da falta de interesse na reforma do colegiado por parte do então presidente Jair Bolsonaro (PL) para reforçar sua posição, num recado principalmente contra a possibilidade de a Índia ganhar um assento permanente.

Procurado, o Itamaraty disse que há uma visita prevista do chanceler Mauro Vieira à Índia nos dias 1º e 2 de março, por ocasião de reunião ministerial do G20. A eventual passagem pela China depende de questões de agenda de ambos os lados e ainda está em avaliação.

Segundo relataram à Folha pessoas com conhecimento do assunto, Galvão também

tratou, na reunião na chancelaria chinesa, da ida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a Pequim. Ele ouviu que o regime de Xi Jinping espera receber o petista o quanto antes e que a visita é considerada prioritária pelo país.

No último dia 18, Lula disse que pretende viajar à China em março. O presidente cumpre nesta semana sua primeira agenda internacional, com passagens pela Argentina — onde se encontrou com o homólogo Alberto Fernández e participou da cúpula da Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos) — e em 10 de fevereiro

reio e petista embarca para Washington (EUA), a convite do presidente Joe Biden.

Retomada das relações com a China, principal parceiro comercial do Brasil, é um dos pontos prioritários da política externa agora comandada por Vieira. O maior desafio é encontrar um ponto de equilíbrio em meio ao atual conflito geopolítico protagonizado por Pequim e Washington.

Em entrevista à Folha, o chanceler brasileiro disse que o país pretende se guiar pelo interesse nacional. Não vamos deixar de ter uma relação estratégica importante, disse, com a China por qual-quer outro motivo”, disse.